



O TARECO TEM MÁ BOCCA

A Cócó foi passear á quinta e trouxe uma boa bracada de malmequeres, de giestas, de herva canaria, e de outras flôres amarellas. A interessante pequenita mal podia com o peso.

Ao atravessar o pateo offereceu metade das suas flores a uma bonita cabrinha, que as aceitou com muito prazer, comendo-as com grande sofreguidão.

Vendo a Cócó que as suas flôres eram tão apreciadas, guardou as melhores, para as ir levar ao Tareco, um formoso gatinho preto que ella muito estimava, e que era o seu companheiro nas brincadeiras.

— Toma lá, Tareco! — disse-lhe ella toda ufana, apresentando-lhe as flôres.

O Tareco estendeu o focinho. O que lhe apresentam é da côr da manteiga, e o bichano suppôz por um momento que a sua pequenina dona o queria obsequiar n'aquella manhá com um almoço de príncipe.

O Tareco principiou por cheirar as flôres, escovando-as com os seus bigodes; mas em breve se convenceu que não era manteiga, nem coisa que se comesse.

— Ora esta! — pensou elle lá comsigo — como é possível que a menina Cócó, que é tão minha amiga, a ponto de me dar todos os dias uma parte do seu almoço, se lembrasse de me trazer uma coisa que não presta?...

O Tareco saltou para o chão, um tanto des-

peitado, e foi-se embora, lançando um olhar de desprezo para o bonito ramo de flôres.

É bem difficil de contentar o senhor Tareco!

EXEMPLOS DE AMOR FILIAL

II

Meus meninos, o que vou contar-vos é mais simples, mas não é menos tocante do que o precedente exemplo de amor filial.

Evora é a principal cidade da nossa provincia do Alemtejo e uma das mais illustres de Portugal pelas glorias da sua antiguidade e do seu patriotismo.

Basta dizer que foi capital da guerreira Lusitania, quando Sertorio d'ella fez o centro das provincias em que na peninsula organisou tenaz resistencia aos Romanos, enriquecendo-a com todos os primores d'uma grande civilização; e que ainda existem magnificentes testemunhos; e foi alli que surgiu o primeiro grito de independencia portugueza, que foi a preparação da gloriosa restauração de 1640.

Evora é hoje arcebispado, tendo antes sido bispado, vindo dos primeiros tempos do christianismo e regido muitas vezes por pastores zelosissimos. Um d'estes foi D. Vasco Perdigão, que occupou aquella cadeira episcopal de 1440 a 1463.

Foi um grande bispo, como fôra um grande parcho.

Prior da humilde freguezia de Povos, tornou-se tão notavel pelo saber e virtude, que o infante D. Pedro, filho do heroico D. João I e irmão dos tambem heroicos D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique e D. Fernando, o tomou para seu confessor. Mereceu que o regente D. Pedro, cujo governo, na menoridade d'el-rei D. Afonso V, seu sobrinho, foi um dos melhores, senão o melhor, que Portugal tem tido, o apresentasse no bispado d'Evora.

Mostrou-se digno da escolha de tão grande príncipe, cuja excellente norma de governar lhe fazia procurar com cuidado homens dignos para os empregos publicos, fossem de que natureza fossem.

D. Vasco Perdigão foi um verdadeiro successor dos apóstolos pela entranhada caridade que dispensava aos pobres, pela benevolencia cordelissima com que a todos tratava e pelo fervor da sua pregação, eloquente, persuasiva, mas facil, clara, simples, ao alcance ainda dos mais rudes.

Não se pôde fazer idéa do amor que todos lhe consagravam e do afan com que procuravam ouvir-lhe a palavra inspirada.

Prégava pois um dia na sua cathedral e o vasto templo estava cheio a mais não poder. O povo, avido de ouvir o seu querido pastor, e enlevado com o aspecto d'aquelle prégador que arrebatava os corações, não tanto com os primores de linguagem elevada, mas mais com as doçuras insinuantes e dulcissimas da doutrina amovavel do divino mestre, apertava-se, opprimia-se, redomoiñhava, porque todos queriam vêr e ouvir bem e nada perder d'aquella caudal de purissima doutrina e o orador proseguiu, proseguiu, facil, ameno, insinuante, dominador, quando de repente se cala.

Reparara que em vão uma velhinha procurava atravessar a mó apertadissima de homens, para entre as mulheres e mais proxima do pulpito, ouvir bem o prégador, e n'essa velhinha reconheceu o prelado sua mãe. O rosto do bispo transluz de satisfação primeiro e logo depois de commoção, até lh'assomarem as lagrimas aos olhos, e então brada com voz amena, respeitosa e supplicante: «Meus filhos deixae passar essa senhora; é minha mãe, que vem ouvir seu filho bispo.»

O povo não fizera reparo n'aquella mulher, vestida com simplicidade e fóra de toda a grandeza e esplendor, porque o bom pastor se contentava em dar aos seus a abundancia e não grandezas, sustentados com o que era indispensavel aos mais necessitados. O povo, com o maior respeito e presteza, abre caminho á gloriosa mãe de tal filho, e as mulheres se apressam a dar-lhe o melhor lugar, para ella ouvir e ver á vontade o filho querido da sua alma.

E deante de tal filho e á face de todo um povo respeitoso e querido, não se realisou alli uma verdadeira glorificação de uma boa e feliz mãe? Mas não foi menor a glorificação de tão

grande filho, que do alto das grandezas do seu ministerio não duvidou afirmar o seu amor e o seu respeito filial.

Eis porque acima de todas as virtudes que a historia memora d'este bispo illustre, se cita em primeiro lugar o seu amor filial, e eis porque o povo, ao contemplar a sua humilde sepultura, ainda hoje exclama satisfeito: *Foi um grande bispo, porque tambem foi um grande filho.*

SILVA FIGUEIRA.

O DIA DE S. LAMECHA

COMEDIA EM 1 ACTO

(Imitação)

(Continuado do numero antecedente)

SCENA IV

O JUIZ E ANTONIO

Juíz — Vae lá para dentro, José! (José sahe.)

Antonio (comprimtando com acanhamento) — Um criado do sór juiz.

Juíz — Viva, sr. Antonio.

Antonio — Estimo que o sór juiz tenha passado bem.

Juíz — Obrigado. Sabe que a sua sem-cere-monia ultrapassa um tanto os limites?

Antonio (sentando-se, sem esperar que lh'o indiquem) — Ó sór juiz, se a gente não anda p'ra *diente*, arrisca-se a ficar sempre no mesmo sitio.

Juíz — Ah! o sr. cultiva o gracejo?

Antonio — Não, senhor: eu cá só cultivo couves e batatas.

Juíz — Tambem aprecia o trocadilho?

Antonio — Lá d'essas coisas é que eu não entendo.

Juíz — Bem, bem; diga-me o que pretende.

Antonio — A coisa é esta: o velhaco do Caetano comprou-me dez pipas de vinho.

Juíz — Dez pipas! vamos lá, é uma venda bem boa.

Antonio — A venda é boa, sim senhor, mas a paga é que não presta p'ra nada.

Juíz — Mas então vossês não fizeram algum contracto?

Antonio — Pois não *haveramos* de fazer?

Juíz — N'esse caso, obrigue-o a cumprir-o.

Antonio — Isso agora é que não é *facel*.

Juíz — Porquê?

Antonio — O traste do Caetano prometteu pagar-me no dia de S. Lamecha...

Juíz — S. Lamecha?... é santo que não conheço!

Antonio — Não conhece? pois nem eu. Mas o tratante disse-me que procurasse na folhinha, depois do S. Miguel.

Juíz — Depois do S. Miguel? (Pegando n'um Almanach e folheando-o) 29 de setembro... Não vejo cá o tal S. Lamecha.

Antonio — Ora que novidade! Mais d'uma duzia de folhinhas já eu vi, e achei lá tantos S. Lamechas como na palma da minha mão.

Juíz — Mas, n'esse caso, que diz o homem?

Antonio — O *home* diz que me paga, mas só no dia de S. Lamecha.

Juíz (rindo) — Ah! ah! ah! É boa! sim senhor, é muito boa!

Antonio — Pois eu acho que é má.

Juíz — O remedio é escrever ao papa e pedir-lhe que arranje um S. Lamecha.

Antonio — Já me *alembrei* d'isso, *sôr juiz*. Mas depois disse com os meus botões: Nós temos um juiz que é muito fino, e que tem uma cabeça que vale por quatro; é *impossible* que elle não arranje um S. Lamecha.

Juíz — Hum! hum! isso é facil de dizer. Olhe, meu amigo, vejo o caso muito embrulhado.

Antonio — Pois é por o raio do *negoço* estar embrulhado que eu venho aconselhar-me.

Juíz — Por mais que pense, meu caro sr. Cabeço, não descubro nada.

Antonio (áparte) — Não ha remedio senão fazer um sacrificio. (Tira da algibeira um pé de meia, que lhe serve de bolsa.) Vou offerecer-lhe dois retratos do nosso rei. (Tira da meia duas moedas de cinco tostões, que apresenta ao juiz.)

Juíz — Ponha ahi sobre a banca. (Áparte.) Percebeu! (Alto.) Meu caro sr. Cabeço, occorre-me uma idéa.

Antonio — Sim?! (Áparte.) Eu bem sabia! Lá na fazenda, para as novidades nascerem bem, é preciso deitar estrume na terra; aqui, para as idéas nascerem é preciso puxar pela bolsa. As pratinhas são o estrume do *sôr juiz*.

Juíz (que tem guardado as moedas de cinco tostões) — Que está vossê para ahi a resmungar?

Antonio — É cá uma coisa. Mas diga lá a sua idéa, *sôr juiz*.

Juíz — Ella ahi vae. S. Lamecha não tem dia especial para ser festejado; mas, na sua qualidade de santo, pertence-lhe de direito uma parte na festa de todos os santos! Portanto, vou condemnar o sr. Caetano a pagar-lhe a divida no 1.º de novembro, dia de todos os santos!

Antonio (saltando de alegria) Isso é que é uma idéa! E eu que não me tinha *alembrado*! É verdade que não me untei de esterco...

Juíz (admirado) — Hem!?

Antonio — Cá uma coisa.

Juíz — Então, está satisfeito?

Antonio — Pois não hei de estar, *sôr juiz*! O *finóir* do Caetano vae ficar que nem um cão por eu ser mais fino que elle!

Juíz — Ora bem, sr. Cabeço, vossê fez de mim seu advogado, e então é preciso que me pague a consulta.

Antonio (muito espantado) Então as duas *carinhas*?

Juíz — Isso foi o preparo, as *luvas*.

Antonio — Ah! foram as *luvas*, e agora o *sôr juiz* quer a casaca?...

Juíz (rindo) — Isso é dos livros. Ande lá, não me seja forreta.

Antonio (áparte) — Estes *homes* da justiça são umas sanguessugas! (Alto.) Mas é que eu ainda não sei se o Caetano paga...

SCENA V

OS MESMOS E JOSÉ

José (entrando) — O patrão, está lá fóra um *home* que o *précura*.

Juíz — Quem é elle?

José — É o *sôr Caetano*.

Antonio (admirado) — O Caetano!...

José — Um *home* muito franco. Deu-me um pataco!

Juíz (com intenção, olhando para o Antonio) — Ah! elle é franco?

Antonio (percebendo) — Ó *sôr juiz*, conte com a *casaca*. (Áparte.) O tratante do Caetano é capaz de deitar mais esterco do que eu, e fazer nascer alguma idéa a este diabo.

Juíz (malicioso) — E a *casaca* é de pano fino?

Antonio — E' de pano grosso, bem pezado.

Juíz — Está bom, está bom! (Ao José.) Dize ao homem que não lhe posso fallar.

Antonio — Este mundo é de quem avêza mais esterco!

(Cabe o pano)

O LOBO E O CÃO

(FABULA DE LAFONTAINE)



ieis rafeiros o gado
Guardavam de tal maneira,
Que andava um lobo, coitado,
Mesmo a cahir de lazeira.

Este lobo encontra a um cão,
Bicho de melhor fortuna,
Que nédio, gordo e pimpão,
Farejando andava á tuna.

Lembrou-se o lobo esfaimado
De atacar-o no caminho;
Mas o cão era alertado
E não tinha bom focinho.

Humilde chega-se a elle,
E em voz de extrema brandura
Gaba-lhe o lizo da pelle,
O talhe esbelto, a gordura.

— Pois escuta, amigo meu,
Responde o ditoso cão,
Se engordar queres como eu,
Tens isso na tua mão.

Deixa os bosques intratáveis
Que buscas para retiro,
Onde irmãos teus, miseráveis,
Morrem á fome ou a tiro.

Avia-te, vem commigo
E crê nas minhas promessas.
— Que cumpre fazer, amigo,
Por uma pechincha d'essas?

— O trabalho pouco importa,
É ligeiro e não molesta:
Enxotar pobres da porta
E aos amigos fazer festa.

O lobo, apressando o passo,
Aceaia um viver tão bello;
Eis que do cão no cachaço
Vê uma falta de pelo.

— Diz-me, porque é que o pescoço,
Trazes d'uma tal maneira?
— Ao certo dizer não posso...
Provavelmente a colleira...

— Pois podes gossos fruir
Quando o grilho te molesta?!
Isto diz, deita fugir,
E inda corre á data d'esta.

J. I. D'ARAÚJO.

AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBREUX

(Continuado do numero antecedente)

— As figuras que tu julgas ver na Lua, minha filha — esclareceu o sr. de Beaucourt — são formadas pelas sombras das suas montanhas.



— Montanhas! pois na Lua ha montanhas! — exclamou a pequenita com um grande espanto.

— Ha, sim.

— Mas como se pôde saber isso?

— Como é o astro que está mais proximo de nós, é fácil observal-o com a ajuda do telescópio.

— O que é o telescópio?

— É um oculo muito grande, de vidros de grande força, que fazem aproximar os objectos distantes. A palavra telescópio quer dizer; *ver longe*.

— E viram então montanhas na Lua? — perguntou a menina Susana, cheia de curiosidade.

— E tão bem, — explicou Paulo — que as desenharam, e até lhe deram diferentes nomes.

— Sim?! E ha lá pessoas, casas, ruas, animaes?

— Isso é que não se sabe ainda. Os melhores telescópios apenas approximam a Lua a quarenta léguas distante de nós. Já vêes, minha curiosa, que não é facil, a tal distancia, distinguir casas e pessoas, se é que as ha na Lua.

— Oh! que pena! — exclamou a pequenita pesarosa. — E porque não fazem um telescópio ainda maior e melhor do que esses que ha?

— A tua reflexão não se pôde chamar asna-tica. Um dos nossos sabios affirma que seria capaz de descobrir se a lua era habitada. Para isso, pede apenas que lhe forneçam os meios necessarios para construir o famoso telescópio de que fallou a menina Susana. O peor é que a despeza montaria a um milhão de francos.

— Um milhão! — murmurou a pequenita.

E involuntariamente levou a mãosinha ao bolso. Não havia lá um milhão, é claro: mas se ella possuísse tal quantia, não ha duvida que a daria de bom grado, para saber se a Lua tinha ou não habitantes.



CAPITULO XVII

MÃOS QUENTES E MÃOS FRIAS

O mau tempo parecia não querer acabar.

O sr. de Sannois não chegara ainda. Eram de Aden as suas ultimas noticias. Mais uma duzia de dias, e, salvo caso de transtorno imprevisto, a nossa Susaninha poderia abraçar o seu querido paé.

A Terra, na sua viagem á roda do Sol, marcava os primeiros dias do mez de fevereiro.

Apenas se levantava pela manhã, a Susaninha ia logo ver, por dentro dos vidros da janella, se o tempo melhorara; mas qual, continuava implacavel! Os vidros, cobertos de gelo, formando desenhos de aspecto variado, como arvores e plantas, tinham perdido a transparencia, de modo que não se podia ver atravez d'elles.

— O que é isto? — perguntara Susana á sua criada de quarto.

— É a neve — respondera a Luiza.

A pequenita, raspando com as unhas a camada gelada que se aggregara aos vidros, perguntou ainda:

— Mas como é possivel haver neve no meu quarto, que está tão quente?

A criada julgou preferivel calar-se a responder alguma tolice.

A curiosidade da Susaninha não estava, pois, satisfeita, e por isso esperava a occasião propria de saber a causa d'aquelle phenomeno que lhe parecia inexplicavel.

Uma manhã, esperou o mano Paulo no corredor, e, quando elle ia a sahir, chamou-o e disse-lhe:

— Anda cá ver uma coisa.
— O que é? — perguntou Paulo, entrando no quarto da sua manasinha.

— Olha.
E a pequenita, aproximando-se da janella, indicou os caprichosos desenhos formados nos vidros.

— O que é isto? — continuou ella.
— É neve.
— Dás-me a mesma resposta da Luiza! — exclamou a Susaninha em tom contrariado. — Bem sei que é neve; mas como apparece ella n'um quarto tão quente como o meu? Isso é que eu não sei.

— Em primeiro logar, sabes o que é a neve e como ella se fórma? — perguntou Paulo muito pacientemente.

A pequenita ia para responder, mas temendo

— É verdade; no verão a agua não está tão fria.
— O mesmo succede a todos os objectos. Estão mais ou menos quentes, conforme a estação. Póde dizer-se que no verão armazenam os raios do Sol, que o frio do inverno lhes vem tirar.

— Mas como é que o frio tira o calor?
— Tens as mãos frias?
— Tenho.
— De certo já aconteceu a mamã pôr as tuas mãosinhas entre as d'ella para as aquecer?

— Quantas vezes!
— Pois bem: ahi tens um exemplo do frio retirando o calor.

— Como?
— Ora como! porque é que as tuas mãosinhas geladas ficaram quentes? porque tiraram o calor ás mãos da mamã.



... indicou os caprichosos desenhos formados nos vidros

dizer algum disparate, limitou-se a encolher os hombros.

— N'outra occasião te explicarei isto — disse Paulo — porque hoje não me posso demorar.

— Não, não! — acudiu Susana — agora, porque depois posso esquecer-me. Não sejas mau!

Paulo puxou pelo relógio, e viu de certo que podia ainda conceder alguns momentos á sua manasinha, porque lhe disse:

— Quando um corpo liquido perde o calor, chega um momento em que passa ao estado sólido. É uma das leis da natureza. Portanto, quando a agua perde o seu calor, passa ao estado sólido, isto é, transforma-se em gelo.

A explicação parece que não convenceu a menina Susana, porque replicou:

— Então a agua é quente, visto que perde o seu calor?

— É quente, sim, não como quando está sobre o lume, mas tem um certo calor proprio, que depende da temperatura exterior. Quando lavas a cara no verão, não fazes caretas, como no inverno.

— Que me dizes?! — exclamou a pequenita muito admirada. — Então á medida que se aquecem as minhas mãos, as da mamã arrefecem?

— Certamente. É como que uma troca — disse Paulo, sorrindo — «dá-me o teu calor, que eu te darei o meu frio.»

— Mas, n'esse caso, é muito feio o procedimento das minhas mãos!

— Não tanto como tu suppões, porque as mãos da mamã ficaram muito satisfeitas de partilharem contigo o seu calor. Mas já vês que ha sempre uma troca de calor e de frio entre dois objectos um dos quaes está quente e o outro não. Do mesmo modo a atmosphera, isto é, a massa de ar que rodeia a Terra, quando está aquecida pelos raios do Sol, trata de se arrefecer com tudo quanto encontra; se, pelo contrario, está fria, faz a diligencia de se aquecer.

— Com toda a razão! — concordou a Susaninha.

— Deves, pois, comprehender que o ar, achando a agua mais quente que elle, trata de

se apoderar do seu calor. Ora, durante os grandes frios do inverno, o ar tira tanto calor á agua, que a faz passar ao estado sólido.

— Transforma-a em gelo?

— Justamente.

— Mas o gelo que eu tenho visto no Sena, nos lagos do Bosque de Bolonha, e nos tanques, é uma massa transparente, que não apresenta desenhos, como aquelles alli da vidraça?

— Estás enganada, minha querida Susana; o gelo que tens visto apresenta os mesmos desenhos que notaste na tua janella, com a differença que os outros não se vêem.

— Ah! eu cuidava...

— São invisíveis sem auxilio de lente, porque estão embarçados uns nos outros, o que não impede que existam. E isso a que tu chamas desenhos, tem o nome de crystaes. Distinguem-se

— dá-me a explicação. Parece-me, entretanto, que o avôsinho já me fallou n'isso ao ensinar-me a formação das nuveens; disse-me que as nuvens eram vapores que se apertavam uns contra os outros, que se condensavam...

— Muito bem, muito bem! — exclamou Paulo — sabes quasi o que eu ia explicar-te. Emprega-se a palavra condensação para designar a volta do vapor ao estado liquido. Ora, no teu quarto ha o vapor de agua, provindo da tua garrafa, do teu jarro, e tambem da tua respiração, porque, como mais tarde saberás, quando respiramos emittimos vapor de agua. Este vapor é quente, porque está em harmonia com a temperatura do teu quarto. Quem vae, pois, pedir-lhe um pouco do seu calor? O ar exterior, o ar que está lá fóra das vidraças, aquelle pobre ar tão cheio de frio; coitado, vem bater



perfeitamente nos vapores gelados que se tornam em neve, como tu já observaste.

— Sim, sim... Mas então ha crystaes de neve?

— Ha.

— E porque é que esses se vêem?

— Porque são formados d'uma debil camada de agua gelada, isto é, sendo pequenissima a espessura dos crystaes, não podem confundir-se uns com os outros.

— Desculpa se sou massadora; mas torno a perguntar: porque ha neve no meu quarto, que está tão quente?

— É pelo effeito da condensação.

Esta palavra arrevesada nada podia explicar á menina Susana; por isso o engenheiro, percebendo isso, apressou-se em acrescentar:

— É necessario primeiro que saibas o que é condensação, para poderes comprehender o estado actual dos vidros da janella. Mas se te aborrece...

— Não, não — acudiu vivamente a Susaninha

na janella, desejaria entrar cá para dentro, mas não póde. Que faz elle então? encosta-se á janella, e á medida que o calor do fogão vae aquecendo os vidros, elle vae-lhe roubando o calor que póde. Os pobres vidros não têm tempo de se aquecerem bem, e conservam-se sempre mais frios que o ar do quarto. Ora, quando um vapor quente encontra um corpo frio, agarra-se logo a elle, transmite se-lhe sob a fórma de pequeninas gotas liquidas, n'uma palavra, condensa-se. Ah! tens o que o vapor d'agua do teu quarto faz nos vidros da janella. Começa por se depositar alli em pequeninas gotas; depois, se o corpo frio arrefece ainda mais, se o ar exterior faz baixar a temperatura dos vidros, a camada de agua que está sobre elles passa ao estado sólido, congela-se, torna-se em neve. Ora ahí tem a menina Susana explicado o motivo porque encontra neve nos vidros da sua janella, apesar do quarto estar bem quentinho.

— Agora entendo! — exclamou a pequenita.

(Continúa.)

JOGO DE PRENDAS

OS COMPRIMENTOS

Escreve-se em tantas tiras de papel, quantas são as pessoas que tomam parte no jogo, um certo numero de iniciaes ao acaso, por exemplo:

- 1.^a tira: N. C. M. M. V.
- 2.^a » E. U. M. D. C.
- 3.^a » E. O. S. A. M.
- 4.^a » P. M. H. T. I.
- 5.^a » E. M. O. E. E. T.

Depois distribue-se uma tira a cada pessoa, dizendo, por exemplo: «Trata-se de saber o que cada um pensa a respeito do menino F.: queiram, pois, servindo-se das iniciaes, que lhe foram distribuidas, formar com ellas palavras que

expressem o seu pensamento a respeito d'aquelle menino.

Passado um ou dois minutos, o director do jogo recolhe as respostas, e lê-as em voz alta:

- 1.^a tira: Não Conheço Menino Mais Virtuoso.
- 2.^a » É Um Modelo De Candura.
- 3.^a » Encanta O Seu Ar Modesto.
- 4.^a » Poucos Meninos Ha Tão Illustrados.
- 5.^a » É Menino Obediente E Estudante Talento.

Todas as pessoas que não tiverem respondido no acto do director recolher as respostas, são obrigadas a pagar prenda. Desde já lhes asseguramos, que a colheita ha de ser abundante, porque o caso é mais sério do que a muitos se afigura.

(Dos Recreios Collegiaes).



OS DOIS CÃES

HISTORIA PARA O MENINO RAUL, UM INVEJOSO, QUE COSTUMA COBIÇAR OS BONITOS ALHEIOS

Sobre a mesa empoleirado
Vê-se um cão, de aspecto fino,
Devorando um bom bocado
De bello queijo londrino.

Outro cão, que passa perto,
Do petisco sente o cheiro
E n'um pulo salta esperto
P'ra junto do companheiro.

O primeiro cão, ao vel-o,
Embatuca e nada diz,
Mas de raiva eriça o pello,
De furor torce o nariz.

— Olá! brada o recémvindo,
Que petisqueira graúda,
E com que prazer infindo
Eu te vou dar uma ajuda...

«Junto de ti, meu amigo,
Tens comida de sobejo,
Deves repartir commigo
Um bocado do teu queijo...

É tão grande esse tassallo
Que tu não podes com isso...
Vou ajudar-te ao trabalho,
Quero prestar-te um serviço...

E juntando á falla o gesto,
Devorar o queijo intenta,
Mas o outro exclama lesto:
— Não te chegues, ó pimenta!

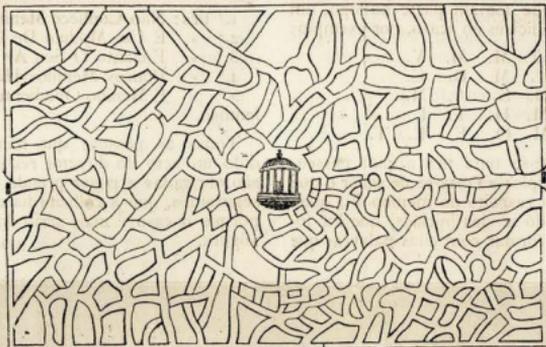
«São bons os serviços teus,
Mas que os recuse permite,
Que eu tenho, graças a Deus,
Bom dente e bom appetite.»

O intruso, que não deseja
Ver-lhe ao perto o dente agudo,
Deixando em paz a bandeja,
Vae-se embora carrancudo.

N'isto aprenda, quem cobiça
D'outro menino o brinquedo,
Que o seu tempo desperdiça
E fica a chuchar no dedo.

D. MARIA DO Ó.

O LABYRINTHO



É preciso não perder tempo para chegar, antes de 10 minutos, ao pavilhão, sem saltar por cima das barreiras.

HORAS ENTRETIDAS

1.^a
CHARADA

Sósinha sou muito humilde,
Rastejo até pelo chão;
Mas se 'stou com minha irmã } 1
Infundo veneração.

Quando eu era pequenino,
Sempre, sempre te buscava,
E chorava a bom chorar } 2
Se breve não te encontrava.

Se és assim, meu caro amigo,
Livra-te d'estas massadas,
Porque p'ra ti, com certeza,
Não se fizeram charadas.

PASSARELHO.

2.^a

PALAVRAS EM CRUZ

Pachá-Cheup, servindo o a para ambas.

AZOUQUE.

3.^a

CHARADAS NOVISSIMAS

Encobre em Lisboa o talento — 2 — 3
Vegetal, isolado, apressado — 2 — 1

O PEQUENO ANTONINHO.

4.^a

ADIVINHAÇÕES

Qual é a coisa qual é ella que quanto maior é menos pesa ?

5.^a

Sou o filho escuro d'um pae vermelho; e apesar de não ter azas, subo até ás nuvens; faço chorar sem haver motivo de desgosto; apenas nasço trato logo de fugir.

ALEGRIAS

O papá, vendo as horas no relógio:
— Ora esta! está parado, e ainda hontem á noite lhe dei corda!
A mamã:
— Talvez precise limpo.
Mariquinhas:
— Não precisa; esta manhã, a Lóló e eu, estivemos a laval-o muito bem com agua.

É costume, nas mezas de luxo, collocar diante de cada conviva os copos que devem servir aos diferentes vinhos.

O criado aproxima-se d'um commensal para o servir de vinho, e vendo que o homem, que era um ratão desabusado, lhe apresenta o copo mais pequeno, diz-lhe:

— Perdõe V. Ex.^a: é vinho de pasto.
— Pois é por isso mesmo; reservo os copos grandes para os vinhos finos de sobrezeza.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

PALAVRAS QUADRADAS

MORA
OVAR
RAMA
ARAS

Charadas novissimas — 1.^a, Inceso — 2.^a, Opera — 3.^a, Fallecimento

Charada enigmatica — Soldado.